

## Editorial

 presente número da revista Espaço e Cultura mantém a prática de inserir a transcrição de um ou dois artigos, relativos à temática da geografia cultural, considerados fundamentais para o desenvolvimento da geografia cultural no Brasil. Neste sentido, artigos de autores consagrados como Carl Sauer, Carl Tröll, Denis Cosgrove, Paul Claval e Jean Gallais, entre outros, constituem parte do acervo dos números anteriores deste periódico. Esta é uma tarefa necessária em razão da função irrigadora dos artigos transcritos.

Publicado originalmente em 1980, o artigo de James Duncan, "O Supraorgânico na Geografia Cultural Americana", é um clássico e um dos pilares da ruptura verificada na geografia cultural, quando a matriz saueriana é posta sob severa crítica e tem início o caminho que levaria a uma nova geografia cultural. A crítica elaborada por Duncan diz respeito à aceitação por Carl Sauer e seus discípulos da visão de cultura como uma entidade supraorgânica, pairando acima dos indivíduos e regulada por leis próprias. Trata-se de uma perspectiva holística transcendental, na qual a cultura, reificada, exerce uma função explanatória para a ação humana. Neste contexto, os indivíduos são meros "mensageiros" da cultura. A visão supraorganicista da cultura conferia-lhe um caráter natural, ao mesmo tempo levando os geógrafos a não considerarem as relações sociais, no bojo das quais a cultura é gestada. A cultura, concebida como entidade supraorgânica, constituiu-se num dos entraves ao desenvolvimento de uma geografia cultural crítica que tem o seu primeiro texto com o artigo de James Duncan.

O olho que observa o faz segundo a mente do observador. Assim, uma mesma paisagem pode ser lida diferentemente, de acordo com um engenheiro, um artista plástico, um historiador, um geólogo, um especulador de terras ou um ecologista. Não há, assim, uma única interpretação verdadeira, mas várias. É a esta questão fundamental para o geógrafo, que tem na paisagem um de seus conceitos-chaves, que se refere o artigo de Donald Meinig, publicado originalmente em 1976, em um momento em que se iniciavam as primeiras e não sistemáticas críticas à visão monolítica sobre a paisagem geográfica. A análise dos significados da paisagem tem neste artigo, com certeza, um de seus momentos iniciais. A paisagem, aponta Meinig, pode ser vista como natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, História, lugar e ainda como estética.

O artigo de Luiz Otávio Cabral e Maria Dolores Buss reforça a tese de Donald Meinig ao enfatizar as múltiplas leituras que uma dada paisagem pode oferecer. Ao estudarem a lagoa do Peri, localizada na ilha de Santa Catarina, os autores apontam que a referida lagoa é o "cenário

de encontro e sobreposição de significados e interesses variados, de lógicas que atingem diferentes escalas e que partem de atores sociais direta ou indiretamente envolvidos com o espaço". A lagoa e sua paisagem são vistas como habitat, lazer, labor, reserva e como problema.

A cidade real como cenário para a realização de filmes é o tema abordado por Maria Helena Braga e Vaz da Costa. Trata-se, no dizer da autora, da cidade cinemática, "que adquire um significado e, como uma criação cultural, influencia a realidade, no momento em que é um produto dessa mesma realidade. No final, a cidade na tela não é apenas um reflexo da realidade". Este texto amplia, de modo enriquecedor, a perspectiva cultural nos estudos da geografia urbana.

O pequeno e póstumo livro de Jöel Bonnemaïson (1940 – 1997) é resenhado por Roberto Lobato Corrêa.